



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

A CRÍTICA DO VALOR EM ANSELM JAPPE

Daniel Dias Santana¹; Laurenio Leite Sombra²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

diasdaniel2001@outlook.com.br,

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

lsombra@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Valor; Trabalho; Fetichismo.

INTRODUÇÃO

Os estudos de Anselm Jappe acerca do capitalismo estão localizados na corrente marxista alemã conhecida como “crítica fundamental do valor”. Tal corrente se popularizou em meados da década de 1980 com a criação e circulação da revista marxista *Initiative Marxistische Kritik*¹. Nestes meandros, a chamada *crítica do valor*, representada por filósofos como Robert Kurz, Ernst Lohoff e, posteriormente, Moishe Postone e Anselm Jappe, caracterizou-se pela reivindicação do valor como a categoria fundamental da análise marxiana sobre o capitalismo, renegando a posição secundária ou “meramente econômica” do conceito de valor proposta pela tradição posterior (BORGES, 2023).

Ao tomar como base a filosofia marxista e sua análise do capital, Anselm Jappe reforça a ideia de que a mercadoria é o ponto de partida para capturar a lógica do sistema capitalista, tendo em vista que é sua *célula germinal* (MARX, 2017), a partir da qual os principais fenômenos do capital são corporificados. Analisando então a mercadoria é possível perceber que esta é um produto ao qual é atribuído um valor abstrato e pouco verificável sensivelmente, que pode ser melhor compreendido quando expressado no seu *valor de troca*, estabelecendo uma relação de equivalência entre duas mercadorias distintas. Para além do valor de troca, é possível perceber também o *valor de uso* das mercadorias, ou seja, o conjunto de variáveis subjetivas e contextuais que englobam a usabilidade do objeto em relação às necessidades do sujeito que o desfrutará.

O valor, no seu significado geral, é atribuído a um produto a partir do momento em que nele é empregado trabalho. Entretanto, não o trabalho concreto, que se define pelo

¹ Que, na década de 1990, terá seu nome mudado para Revista *Krisis*.

conjunto de variáveis que possibilitam a sua execução, mas sim o *trabalho abstrato* (JAPPE, 2006), que é estabelecido a partir do tempo socialmente gasto para a produção de determinada mercadoria. A forma como o trabalho é estabelecido no capitalismo não parte do trabalho concreto, envolvendo suas complexidades e seu caráter contingencial, mas da abstração do trabalho como categoria necessária para a produção, assim como a sua metrificação e redução a mero tempo de trabalho gasto. Dessa maneira, o trabalho concreto serve somente de receptáculo do trabalho abstrato, este que atribui valor às mercadorias e possibilita a criação de *mais-valor* (MARX, 2017). É neste sentido que o valor constrói o fenômeno do *fetichismo*, uma inversão da concretude dos fenômenos em relação a sua abstração, àquilo que é artificialmente criado (ARAÚJO, 2018).

Esta inversão da realidade que subsume as qualidades concretas por abstrações socialmente criadas, além de engendrar estas abstrações como fim último da produção social, esconde, no interior do seu funcionamento, sua própria derrocada. Mas para compreender os meandros deste fenômeno, cabe voltar ao interior da mercadoria.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A partir da discussão dos textos trabalhados e dos estudos marxistas, a pesquisa buscou estabelecer uma discussão filosófica a partir de conceitos e processos argumentativos acerca do seu tema central, portanto a investigação é caracterizada como conceitual. Ao longo do processo deste trabalho foi observado o rigor conceitual, assim como foram realizados leituras e fichamentos dos textos base. A natureza deste trabalho foi bibliográfica. Dessa forma, os materiais utilizados foram textuais, como livros, artigos, dissertações etc. A metodologia foi realizada a partir das leituras dos textos apresentados nas referências, também foram desenvolvidos fichamentos com comentários críticos de cada texto estudado ao longo da pesquisa, identificando os movimentos argumentativos e textuais das obras estudadas. No decorrer desta pesquisa, foram realizadas discussões com o orientador a partir da leitura dos textos, de forma presencial ou remota.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O produto final da pesquisa foi a confecção de um artigo filosófico em que está presente a reflexão construída nos 12 meses da investigação. O artigo está devidamente formatado e será submetido posteriormente a algum periódico da área de Filosofia. Neste artigo foram abordados conceitos centrais do capitalismo como *valor*, *valor de uso*, *valor*

de troca, fetichismo, trabalho concreto e trabalho abstrato para compreender a crítica fundamental ao valor de Anselm Jappe. Ao analisar a mercadoria, Jappe percebe que esta é um produto ao qual é atribuído um valor abstrato e pouco verificável sensivelmente, que pode ser melhor compreendido quando expressado no seu valor de troca, estabelecendo uma relação de equivalência entre duas mercadorias distintas. Para além do valor de troca, é possível perceber também o valor de uso das mercadorias, ou seja, o conjunto de variáveis subjetivas e contextuais que englobam a usabilidade do objeto em relação às necessidades do sujeito que o desfrutará. O valor, no seu significado geral, é atribuído a um produto a partir do momento em que nele é empregado trabalho, entretanto, não o trabalho concreto, que se define pelo conjunto de variáveis que possibilitam a sua execução, mas sim o trabalho abstrato (JAPPE, 2006), que é estabelecido a partir do tempo socialmente gasto para a produção de determinada mercadoria. A forma como o trabalho é estabelecido no capitalismo não é a partir do trabalho concreto, envolvendo suas complexidades e seu caráter contingencial, mas da abstração do trabalho como categoria necessária para a produção, assim como a sua metrificacão e redução ao mero tempo de trabalho gasto. Dessa maneira, o trabalho concreto serve somente de receptáculo do trabalho abstrato, este que atribui valor às mercadorias e possibilita a criação de *mais-valor* (MARX, 2010). É neste sentido que o valor constrói o fenômeno do *fetichismo*, uma inversão da concretude dos fenômenos em relação a sua abstração, aquilo artificialmente criado (ARAÚJO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Foi possível perceber que a crítica do valor de Jappe remonta e volta o debate marxista para o valor enquanto fundamento da relação social capitalista. Assim, o valor age no interior da mercadoria como o fator equivalente, estabelecendo o critério fundamental da relação entre mercadorias a partir do processo que o possibilita, o trabalho abstrato. Este é o processo germinal do capitalismo. Neste nível, o valor enquanto abstração subverte e subjuga as categorias concretas dos objetos, baseando toda a troca entre mercadorias em um critério antagônico às necessidades e vontades de quem a cria. Por conseguinte, além de abstrair as qualidades objetivas dos objetos, o valor em si já é uma abstração a partir do momento em que expressa uma fração do processo produtivo na forma de trabalho abstrato. Assim, o tempo de trabalho necessário para a produção de uma mercadoria – o critério do valor – nega todas as contingências concretas que envolve a produção social. Esta inversão da realidade, a relação social *fetichista*, assegura o

funcionamento do valor como organizador da relação social, e isto acontece devido à transformação dos trabalhos individuais, das contingências das qualidades concretas em abstração. Assim, toda a produção humana não serve mais a si, mas ao funcionamento desta própria abstração. O trabalho, para Jappe, além de estar contido na lógica fetichista, é também uma categoria capitalista, visto que a produção direcionada ao valor e o valor de troca expressado pelo dinheiro possuem bases históricas específicas, e só são possíveis a partir do funcionamento do valor. Ao excluir uma série de atividades humanas fundamentais, como o trabalho doméstico, o trabalho capitalista também se configura enquanto abstração. Mesmo que a lógica do valor envolva toda a produção social, ainda assim ela encontra seus limites no seu próprio funcionamento. Fatores como a diminuição da taxa de lucro, as contradições sociais e civilizatórias advindas da acumulação de riquezas, a relação antagônica entre dinheiro (expressão de valor de troca) e produção material, o avanço das forças produtivas em contraposição à diminuição da criação do valor, a falta de unidade social da produção, a diminuição do trabalho produtivo, o aumento dos falsos encargos e a aposta nos ganhos futuros da produção; todos estes compõem a forma estrutural da crise do valor, a contradição entre valor de uso e valor de troca, entre dinheiro e mercadoria. A contradição interna da mercadoria expressa todo o caos do funcionamento da sociedade do valor, a inversão fetichista da realidade que volta a produção contra seus agentes, partindo da subordinação da materialidade em relação às categorias abstratas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wécio Pinheiro. “A estranha objetividade do valor: Trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx”. *Trilhas Filosóficas*, Caicó. n. 3, p. 157-175, 2018.

BORGES, David. *Está o capitalismo em vias de extinção? As condições de sustentação do capitalismo dentro do quadro da Crítica do Valor*. Cachoeirinha: Fi, 2023.

JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Tradução: José Miranda Justo. 1.ed. Lisboa: Antígona. 2006.

_____. *A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. Tradução: Júlio Henriques. 1. ed. Portugal: Antígona. 2019.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2010.

SAAD FILHO, Alfredo. “Teoria Marxista do Valor: uma introdução”. *Revista Análise Econômica*, V.21, n. 40. 2003. p. 159-177.